

---

Twain, Mark. *As Aventuras de Huckleberry Finn*. Tradução de Rosaura Eichenberg. Porto Alegre: L&PM, 2011, 319 p.

---

A obra *The Adventures of Huckleberry Finn* é tida pela maioria dos críticos literários como a obra-prima de Mark Twain. Este livro, escrito em 1885, foi inclusive considerado a origem de toda a literatura americana moderna pelo célebre Hemingway. A história é narrada por um menino branco pobre que vive na região sul dos Estados Unidos, e que compartilha com o leitor as suas aventuras junto a Jim, um escravo fugitivo.

É fato amplamente conhecido e indisputável que a riqueza desta obra se deve em muito às particularidades dos diversos dialetos representados dentro dela. O próprio Twain deixa claro em uma nota explicativa escrita para o texto original que vários dialetos do sul são representados nos diálogos ao decorrer da história.

De acordo com dados obtidos através de Milton<sup>1</sup> e posteriores buscas na internet, foi possível concluir que, até o presente ano, circulavam no Brasil três traduções deste livro, incluindo uma tradução feita pelo aclamado autor Monteiro Lobato. No entanto, ainda de acordo com informações mencionadas por Milton, estas três traduções tinham um aspecto em comum que as fazia destoar grandemente do

texto-fonte: todas elas traziam as ocorrências dialetais presentes no texto original traduzidas como português padrão.

Não se pretende aqui discutir o mérito do tradutor enquanto autor, nem tampouco a autonomia do tradutor durante o processo de (re)escritura da obra em apreço. O fato que se visa destacar é que, apesar de três profissionais brasileiros terem abordado o livro em inglês e se disposto a conduzir a tradução da obra, a solução encontrada para as dificuldades tradutórias representadas pelo dialeto que permeia todo o livro foi em suma sempre a mesma: o uso do português segundo a norma culta.

Houve em 2008 uma tentativa por parte de Ramos<sup>2</sup>, uma aluna de pós-graduação da Universidade de São Paulo, de fazer a tradução de alguns capítulos do livro utilizando elementos divergentes da norma culta, mas este material não foi destinado à comercialização, tratando-se essencialmente de um estudo acadêmico.

E é neste contexto que, em junho de 2011, a L&PM publicou uma nova tradução desta obra, realizada por Rosaura Eichenberg. Esta quarta tradução

comercial disponibilizada para o público brasileiro surgiu, no entanto, com diversos diferenciais quando comparada com as três traduções comercializadas anteriormente.

A primeira questão diferencial que chama a atenção se encontra ainda nos paratextos da obra: a longa nota da tradutora. Eichenberg apresenta em sua tradução uma nota inicial de quatro páginas. Nesta nota, a tradutora discorre desde o início sobre a difícil tarefa de traduzir esta obra de Twain devido à alta carga dialetal. O objetivo desta nota aparenta ser realmente informar o público leitor sobre a presença dos dialetos no original, compartilhando um pouco sobre o processo tradutório deste fenômeno linguístico, e também chamar a atenção para as facetas da crítica social presente na obra e muitas vezes quase que ignorada por muitos. Com relação aos dialetos, a tradutora chega a apresentar exemplos de casos que lhe trouxeram especial dificuldade, incluindo a tradução do termo *nigger*, utilizado amplamente por Twain neste livro mas que, na sociedade norte-americana de hoje, tornou-se extremamente margi-

nalizado por conta de sua conotação altamente racista.

Após a nota da tradutora, a tradução traz outro elemento bastante interessante: a nota escrita por Twain para acompanhar o original, na qual ressalta seu cuidado na utilização de diferentes dialetos na obra, é mantida na tradução de Eichenberg. Isto confirma, mais uma vez, a intencionalidade de explicitar a relevância dos dialetos no texto, e de deixar clara a sua importância para os leitores da história.

Ao iniciar a leitura do texto traduzido em si, fica claro desde a primeira página o porquê da longa nota explicativa e da inclusão da observação feita por Twain sobre os dialetos no início do livro. A tradução é perpassada por francas e esmeradas tentativas de representar os dialetos presentes no texto original.

Há uma grande discussão em nível nacional e mundial sobre qual o conceito de dialeto. Gadini e Woitovicz<sup>3</sup> chegam a afirmar que atualmente a principal discussão da linguística reside na distinção entre língua e dialeto. No entanto, sem entrar no mérito desta questão, é evidente que no Brasil existem, no mínimo,

diversas variações linguísticas. Como afirma Bagno<sup>4</sup>, não existe nenhuma língua que seja uma só. E é de recursos advindos destas variações linguísticas do português – ou seriam dialetos? – que a tradutora lança mão para reconstruir o universo linguístico apresentado por Twain. Vale ressaltar, em especial, as características do texto representando as falas dos dois personagens principais da história, a saber, Huckleberry Finn e o escravo Jim.

Sobre o menino branco, não seria descabido dizer que, pela primeira vez, Huckleberry Finn fala um português divergente da norma culta, o que o aproxima muito mais do texto original, e dá mais consistência ao personagem, já que considerando a história de vida e a personalidade de Huck (um menino pobre, basicamente órfão, habitante de uma comunidade rural, que estudou pouquíssimo e detesta profundamente a ideia de estudar mais) é realmente pouco convincente que tal personagem utilizasse o português segundo a norma culta em suas falas, conforme ocorria nas outras traduções deste livro.

Na verdade, a tradutora não parece ter selecionado especifi-

camente uma variação linguística ou dialetal brasileira em especial para caracterizar a fala de Huckleberry Finn. No entanto, há diversos pontos que ressaltam nitidamente a diferença entre o modo de falar de Huck e o português segundo a norma culta. Exemplos pontuais serão mencionados aqui para ilustrar algumas das escolhas tradutórias na obra. A primeira diferenciação notada se dá pelo uso do verbo *estar* da forma como é conjugado no dia a dia, em especial por pessoas com grau de escolaridade mais baixo; Huck usa *tava* frequentemente onde a norma culta requer *estava*, para mencionar um dos casos notados. Outro ponto recorrente é o uso frequente de *ocê* significando *você*, que aparece em todo o livro, e é usado não só por Huck, mas por vários outros personagens. Além disso, o Huckleberry Finn traduzido por Eichenberg conjuga verbos em tempos subjuntivos de forma incorreta segundo a norma culta. Na página 15, uma dentre várias ocorrências desta mesma forma de abordagem, a tradução diz: *Eu ia morrer se não coçava*, quando segundo a norma culta o correto seria *se não coçasse*; o uso deste

recurso, presente na fala cotidiana de vários brasileiros, aproxima Huck da realidade do leitor. Ademais, há outro elemento da fala de Huck que, na verdade, pode ser tomado como uma estrangeirização do texto traduzido: o uso aparentemente desnecessário do pronome pessoal *ele* ou *ela* em repetidas ocasiões. Na página 13 há um destes casos: Huck diz: *A senhorita Watson, ela continuou a me amolar...* O pronome *ela* é aparentemente desnecessário, mas é nada mais do que uma tradução da forma como Huck fala em inglês<sup>5</sup>, adicionando pronomes ao seu discurso. O uso deste recurso colabora para causar o efeito de estranhamento diante da fala do personagem. E, por fim, o alto grau de informalidade no discurso de Huckleberry deixa transparecer a coloquialidade do texto fonte: o uso de *a gente* no lugar de *nós*, e de expressões populares como *barriga da perna* imprime simplicidade à narrativa do menino.

Já no discurso de Jim, a tradutora parece ter tentado utilizar um dialeto – ou variação linguística – específico do Brasil. Assim como o Jim do texto original, o Jim na tradução de Eichenberg

fala de forma bastante diferente da língua padrão. No português brasileiro, aparentemente a tradutora buscou utilizar recursos no modo de falar do caipira do interior do estado de São Paulo. Várias particularidades da fala desta população são retratadas no discurso de Jim, como por exemplo a frequente ausência de concordância verbal e nominal, a supressão do *r* final nos verbos no infinitivo (na página 100 lê-se *Quando cai de cansado de tanto trabaiá e gritá...*), a supressão do *d* nos verbos conjugados no gerúndio (na página 101 Jim diz *tava pensano*), e a fusão do *lh* com a semivogal (na página 101 *joelho* aparece como *joieio*).

A própria tradutora afirma em sua nota introdutória que a reprodução dos dialetos em português foi somente uma aproximação. Entretanto, com base nesta breve análise do discurso traduzido dos personagens principais, é possível afirmar que esta nova tradução do clássico de Mark Twain pode, sem dúvida, ser considerada um marco. Ainda que seja uma primeira tentativa, e tenha elementos que possam ser melhorados (como por exemplo a inconsistência no uso de alguns

recursos, já que há falas de Jim em que os verbos no infinitivo aparecem com o *r* final, e há falas de Huck em que *você* é usado no lugar do costumeiro *ocê* que prevalece na obra), esta tradução é um passo rumo a uma nova forma de traduzir literatura regionalista no Brasil.

Como Eichenberg coloca com muita propriedade, a “civilização” do linguajar de Huck e Jim, que aconteceu até recentemente no Brasil através da tradução deste livro segundo o português padrão, em última instância privava os personagens principais de sua liberdade, que é o motivo pelo qual eles lutam com tanto afincio por toda a história. Assim, esta nova tradução tem o papel de, de certo modo, restaurar aos personagens de Twain a liberdade que lhes foi tirada nas traduções brasileiras anteriores.

Vale ressaltar ainda o papel imprescindível da editora neste processo: para que este livro pudesse ser traduzido e publicado com estas novas características, houve também uma mudança de paradigma na forma da editora abordar o fenômeno, já que se sabe que, historicamente, as editoras não costumavam aceitar o

dialeto traduzido como variação linguística. O futuro dirá se a aposta da L&PM, como editora popular que é, renderá os frutos esperados mercadologicamente.

Vanessa Lopes Lourenço Hanes  
UFSC

#### Notas

1. MILTON, J. O Clube do livro e a tradução. Bauru: EDUSC, 2002.
2. RAMOS, V. L. *A sivilização-civilização de Huckleberry Finn:*

*uma proposta de tradução.* 2008. 257 ff. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) . Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

3. GADINI, S. J. ; WOITOVICZ, K. J. *Noções básicas de folkcomunicação.* Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007.

4. BAGNO, M. *A Língua de Eulália.* São Paulo: Editora Contexto, 2011.

5. TWAIN, M. *Adventures of Huckleberry Finn.* Boston: Riverside Editions, 1958.

---